

As letras de câmbio têm taxas maiores

Da sucursal do RIO

A expectativa inflacionária de curto prazo provocada pela recente maxidesvalorização de 30% no cruzeiro está forçando as financeiras a remunerarem mais as letras de câmbio de sua emissão. A informação foi prestada ontem, no Rio, pelo vice-presidente da Associação dos Dirigentes de Empresas de Crédito, Investimento e Financiamento (Adecif), Haroldo Sanson Portella, acrescentando que as taxas de captação do setor estão oscilando entre 116 e 122% ao ano.

Segundo esclareceu, nada indica que os juros tenderão a cair e, no caso das financeiras, as taxas de operações de crédito direto ao consumidor só não subiram porque essas instituições reduziram seus spreads, ou seja, a diferença entre as taxas de aplicação e de captação.

Para que os juros do mercado financeiro caiam, disse Portella, o governo terá de adotar medidas complementares no sentido de amenizar efeitos da maxidesvalorização, tais como eliminação ou redução do atual controle do crédito e do imposto sobre operações financeiras (IOF).

A maxidesvalorização, para o vice-presidente da Adecif, influenciou diretamente no comportamento das taxas de juro, pelos aumentos dos insumos importados: "Esses aumentos vão-se refletir, basicamente, na alta da inflação interna, e é o que provocou o aumento de custo de taxas prefixadas", explicou.

Mas, para Portella, o principal fator moderador de alta das taxas de juro será o acompanhamento paralelo das correções cambiais e monetária. "Se a correção monetária ficar muito distante da correção cambial, a tendência será de alta constante nas taxas de juro", acrescentou.

Se essas medidas não forem tomadas, o vice-presidente da Adecif acha que "o governo possivelmente adotará outra maxidesvalorização, uma vez que os resultados pretendidos pela atual serão eliminados". Mesmo assim, Portella acredita que essa hipótese deve estar fora de cogitações das autoridades governamentais, pois se assim procedessem tornariam totalmente impraticável o processo de recuperação da economia brasileira.

Portella explicou, também, que a redução dos spreads das financeiras se deve a uma queda na demanda por empréstimos, "consequência natural da desativação da economia, que será maior em função dos efeitos da maxidesvalorização do cruzeiro".